

Distribuição de Médicos e Oftalmologistas no Brasil e Portugal

Distribution of Physicians and Ophthalmologists in Brazil and Portugal



Thiago Gonçalves dos Santos MARTINS^{1,2,3}, Rufino SILVA², Paulo SCHOR¹
Acta Med Port 2020 Oct;33(10):635-637 • <https://doi.org/10.20344/amp.13571>

Palavras-chave: Brasil; Médicos; Oftalmologistas; Portugal

Keywords: Brazil; Ophthalmologists; Physicians; Portugal

INTRODUÇÃO

Portugal e Brasil são países lusófonos com sistemas de saúde universais e situação económica distinta. Em Portugal, a constituição estabelece que todos têm direito à proteção da saúde por meio de um Serviço Nacional de Saúde e que cabe ao Estado garantir uma cobertura eficiente de recursos humanos em saúde. No Brasil, de 1960 até 2015, o número de médicos para cada mil habitantes quadruplicou, e o aumento da oferta de postos de trabalho médico devido à expansão do sistema de saúde contribuiu para esse crescimento. Em 2017, o Brasil apresentava uma taxa de 10,2 médicos recém-formados por 100 mil habitantes, a mesma de Portugal e acima dos Estados Unidos (5,5).^{1,2} O objectivo deste artigo é analisar alguns fatores comparativos sobre a distribuição de médicos e oftalmologistas desses dois países.

Distribuição de médicos e oftalmologistas no Brasil

O crescimento do número de vagas e de faculdades gerou aumento do número de médicos formados, mas não foi acompanhado por uma melhoria a nível da qualidade de ensino de acordo com os resultados dos exames promovidos anualmente pelo Conselho Regional de Medicina de São Paulo desde 2005. O exame realizado pelos formandos de 30 das faculdades de medicina do estado de São Paulo avaliadas em 2015 demonstrou que, dos 2726 participantes, 48,13% não acertaram em pelo menos 60% das 120 questões. Em sete anos de história, este exame também constatou que 46,7% dos participantes saíram das faculdades mal preparados, sem condições mínimas de exercer Medicina.

A irregularidade na distribuição dos médicos pode ser evidenciada quando determinamos a razão médicos/1000 habitantes em diferentes regiões brasileiras. Os menores valores ocorrem nas regiões Norte (1,16) e Nordeste (1,41), os quais estão abaixo da média nacional de 2,11 médicos por 1000 habitantes. Em contraste, as outras três regiões apresentam médias acima da nacional, como a região Sudeste (2,81).

Em 2018, quando a população do Brasil era de 208 494 000 habitantes, havia 452 801 médicos, o que corresponde a uma razão de 2,17 médicos por mil habitantes. Essa densidade de profissionais é semelhante à de países desenvolvidos como a Inglaterra (2,8 por mil habitantes), Estados Unidos (2,7 por mil habitantes) e Canadá (2,7 por mil habitantes). No Brasil, 55,3% dos médicos e 42% da população estão situados na região Sudeste, enquanto que na região Nordeste encontramos 17,4% dos médicos e 27,8% do total da população brasileira.

Para se comparar regiões e estados quanto à presença e concentração de médicos especialistas usamos a razão especialista/generalista (médico sem título de especialista). Sendo os generalistas os médicos que se formaram na faculdade de medicina e não realizaram o internato.

Em 2018, quando existiam 280 mil especialistas no Brasil, havia 1,67 especialistas para cada generalista. A diferença entre esta razão nos diversos estados pode parecer pouco acentuada, mas o número absoluto de especialistas difere bastante. A maior parte dos médicos especialistas encontram-se na região Sul (2,27) contra a menor concentração na região Norte (1,06). Embora tenha ocorrido um aumento das faculdades de Medicina no interior do país, essas não conseguiram fixar médicos no local onde estudaram. Há que realçar que 43% das vagas de Medicina ainda estão nas capitais.² As distribuições irregulares também podem ser explicadas pela irregularidade na distribuição das vagas de internato. No ano de 2019, o Brasil tinha 56 255 vagas de residência médica por ano, concentradas em apenas 5% dos municípios brasileiros. A distribuição das vagas de internato acompanha as diferenças sociodemográficas do Brasil: a região Norte apresenta o menor número de programas. Essa oferta é desigual dentro das próprias regiões; na região Sul, por exemplo, apenas 5% dos municípios possuem vagas para formação específica dos internos. Na região Centro-Oeste são 2% dos municípios, e nas regiões Nordeste 3% dos municípios. Essa tendência repete-se na região Sudeste com 7% dos municípios e

1. Departamento de Oftalmologia. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo. Brasil.

2. Departamento de Oftalmologia. Universidade de Coimbra. Coimbra. Portugal.

3. Departamento de Oftalmologia. Ludwig Maximilians Universität. Munique. Alemanha.

✉ Autor correspondente: Thiago Gonçalves dos Santos Martins. thiagogsmartins@yahoo.com.br

Recebido: 10 de fevereiro de 2020 - Aceite: 12 de maio de 2020 | Copyright © Ordem dos Médicos 2020



na região Norte com 4% dos municípios. Isso demonstra a carência e concentração de centros de formação de especialistas médicos no Brasil.³

Os oftalmologistas representam 3,6% de todos os especialistas no Brasil e a sua distribuição desigual é somente o reflexo da distribuição dos médicos. Essa realidade prejudica o atendimento da população com doenças oftalmológicas. De acordo com o censo realizado pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia, apenas 15% dos municípios brasileiros contam com oftalmologistas, ou seja, 85% das localidades - e praticamente um quarto dos 201 milhões de habitantes do país - carecem de assistência oftalmológica. Na região Sudeste vive 42% da população brasileira e 57% dos oftalmologistas, um profissional para cada 8601 habitantes. Nas regiões Sul, Centro-Oeste e Nordeste estão, respectivamente, 15%, 7% e 19% desses profissionais. Em contraste, no Norte brasileiro há apenas um oftalmologista para cada 30 491 habitantes. Essa relação tem piorado ao longo dos anos, com o aumento da população e a manutenção do número de oftalmologistas na região. Todos os estados do Norte apresentam significativa carência de especialistas, onde trabalham 3,8 % dos oftalmologistas. Catorze municípios concentram 50% de todos os oftalmologistas brasileiros, sendo 10 capitais, três municípios do interior de São Paulo e um do Rio de Janeiro. Noventa e sete por cento dos oftalmologistas trabalham em cidades com mais de 40 mil habitantes. Analisando os censos realizados nos últimos anos pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia nos anos de 2001 e 2014, houve um expressivo aumento do número de oftalmologistas, mas as regiões Norte e Centro-Oeste continuam a apresentar as maiores carências. A proporção de oftalmologistas no Brasil era em 2001 de 1/17 620 habitantes, e em 2014 apresentou uma relação de 1/11 604 habitantes.⁴

A organização hierarquizada do Sistema Único de Saúde (SUS) dificulta ainda mais o atendimento oftalmológico à população brasileira, pois a oftalmologia está situada longe da porta de entrada do sistema. As políticas desenvolvidas pelo Ministério da Saúde colocam o serviço oftalmológico em níveis secundário e terciário de complexidade.

Outra causa da dificuldade de acesso ao atendimento oftalmológico é o número de médicos que trabalham apenas no sistema privado, o que reduz a assistência a grande parte da população dependente do sistema público de saúde. De acordo com os dados do sistema de saúde, 21,6% dos médicos trabalham exclusivamente no setor público e 26,9% só atuam no setor privado. Os demais 51,5%, atuam nas duas esferas, a pública e a privada. A desigualdade de concentração dos médicos a favor do setor privado é grande, quando consideradas as populações cobertas pelo Sistema Único de Saúde (75% da população utiliza exclusivamente o SUS) e pela assistência médica suplementar (25% da população, além do direito ao SUS, têm planos ou seguros de saúde).

A presença de médicos nos centros de saúde e estratégia de saúde da família (23% dos que atuam no setor público estão nessas estruturas, enquanto 51% trabalham

em hospitais) pode não ser suficiente para a efetivação dos cuidados de saúde primários como porta de entrada no sistema de saúde. Pior ainda é a situação dos cuidados de saúde secundária e especializada do SUS, no qual atuam menos de 5% dos médicos. A forte atuação de especialistas em consultórios particulares, em contraste com a baixa presença nos ambulatórios do Sistema Único de Saúde, é um grande obstáculo à ampliação, na rede pública, da oferta de assistência médica especializada. De acordo com uma pesquisa realizada entre estudantes do primeiro ano de Medicina em 2018, essa situação permanece inalterada, já que 50,2% desejam trabalhar em consultório particular, enquanto apenas 19,4% que desejam trabalhar no SUS.²

Distribuição de médicos e oftalmologistas em Portugal

Em Portugal, existe uma desigualdade menos acentuada na distribuição de médicos com uma relação médico por 10 000 habitantes de 38,7, superior ao número de 18,9 do Brasil.⁵

Em Portugal existe uma assimetria na distribuição de médicos. Há uma concentração de médicos nas zonas do Porto, Coimbra e Lisboa e déficit em regiões como Alentejo, Algarve e Beira Interior. O Algarve, com 1900 habitantes por médico, é a região que apresenta a menor cobertura.⁶ Outro dado a ter em conta é que cerca de metade dos estudantes de Medicina em Portugal são da área da Grande Lisboa, o que poderá acentuar ainda mais as assimetrias regionais na distribuição de médicos. No que se refere ao acesso a cuidados de saúde, 26% da população já tem um seguro privado de saúde.⁷ Em 2015, quando a população do país era de 10 368 346 habitantes existiam, segundo uma pesquisa realizada pelo Conselho Internacional de Oftalmologia (ICO), 600 oftalmologistas em Portugal, o que corresponde a 57,9 oftalmologistas por milhão de pessoas, com um número de 36,2 oftalmologistas por milhão de pessoas realizando cirurgias de catarata e um número de 50,7 oftalmologistas por milhão de pessoas realizando refração. Comparando com os dados do Brasil, este país apresentava no mesmo período 14 000 oftalmologistas, o que representava 67,4 oftalmologistas por milhão de pessoas, 25,3 oftalmologistas por milhão de pessoas que realizam cirurgias de catarata e 58,9 oftalmologistas por milhão de habitantes que se submetem a refração.⁸ A necessidade de atendimento oftalmológico em idosos tem vindo a aumentar em Portugal, já que o país deverá apresentar em 2050 uma percentagem de idosos superior a 35%.⁶ Em 1971, Portugal apresentava uma percentagem de pessoas acima de 65 anos de 9,7 %. Em 2018, essa faixa etária representava 21,7% da população, com um rácio de 157,4 idosos para cada 100 jovens. A percentagem de oftalmologistas em Portugal relativamente a todos os médicos especialistas baixou de 4 em 1990 para 2,8% em 2018, apesar do aumento do número absoluto de 446 oftalmologistas em 1990 para 1096 em 2018.⁹ Quanto à a distribuição territorial de oftalmologistas em Portugal, apesar do aumento do número absoluto de profissionais em todas regiões entre os anos de 2001 e 2018, a área metropolitana de Lisboa continua

Tabela 1 — Dados obtidos pelo Conselho Federal de Medicina (2018), Conselho Brasileiro de Oftalmologia (2014) e Ordem dos Médicos (2018)^{2,4,9}

	Brasil	Portugal
Médicos/ mil habitantes	2,18	5,21
Oftalmologista (% de especialistas)	3,6%	2,8%
Região com maior % de oftalmologistas	Sudeste (57%)	Lisboa (44,3%)
Região com menor % de oftalmologistas	Norte (3,8%)	Açores (1%) e ilha da Madeira (1%)
Gasto com saúde	3,8% do PIB	9,0% do PIB

a concentrar o maior número de especialistas (44,3%) e a região do Algarve a menor concentração (3,1%), na região continental. Nos Açores e na Ilha da Madeira encontram-se apenas 1% dos especialistas em oftalmologia.⁹

Comentários finais

Os dados discutidos neste artigo referem-se aos médicos inscritos no Conselho Federal de Medicina no Brasil e na Ordem dos Médicos em Portugal. Apesar de alguns números Brasileiros serem superiores aos Portugueses, isso acaba por não ter impacto no atendimento da população. Isto deve-se a problemas de mobilidade urbana e isolamento desses especialistas face à população necessitada, o que resulta na concentração de especialistas e em diferenças geográficas e organizacionais a nível dos sistemas de saúde. A comparação da realidade nos dois

países reforça a ideia de que um simples aumento no número de especialistas não é o suficiente para melhorar a qualidade do atendimento oftalmológico à população. Além disso, Portugal possui um maior investimento em saúde, que passou de 8,4% do PIB em 2000 para 9,0% em 2018, enquanto o Brasil tem um gasto atual de 3,8% do PIB em Saúde (Tabela 1). Essas diferenças em termos de investimentos também pesam na qualidade de atendimento da população.⁹

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Não houve suporte financeiro para este trabalho.

REFERÊNCIAS

- Oliveira N, Alaves L. Ensino médico, SUS e início da profissão: como se sente quem está se formando? *Rev Brase Educ Med*. 2011;35:26-36.
- Scheffer M, Biancarelli A, Cassenote A. Demografia médica no Brasil 2018. São Paulo: Conselho Federal de Medicina; 2018.
- Campos V, Fidelis F, Silva P, Teixeira A, Batista A. Recorte demográfico da residência médica brasileira em 2019. *Revista Consensus*. 2019;32.
- Conselho Brasileiro de Oftalmologia. Censo oftalmológico 2014 [Internet]. São Paulo (SP): CBO; 2014. [consultado 2015 out 25]. Disponível em <https://www.cbo.net.br/novo/publicacoes/CensoCBO2014.pdf>.
- Organização Mundial de Saúde. Estatísticas Sanitária Mundial. Genebra: OMS; 2012.
- Correia I, Veiga P. Geographic distribution of physicians in Portugal. *Eur J Health Econ*. 2010;11:383-93.
- Campos L. Uma perspetiva sobre o Relatório da OCDE "Health at a Glance 2017". *Acta Med Port*. 2018;31:9-11.
- Resnikoff S, Lansingh V, Washburn L, Felch W, Gauthier T, Taylor H, et al. Estimated number of ophthalmologists worldwide (International Council of Ophthalmology update): will we meet the needs? *Br J Ophthalmol*. 2020;104:588-92.
- Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2013). Retrato de Portugal: indicadores 2011. Paris: PORDATA. [consultado 2020 jan 30]. Disponível em <https://www.pordata.pt/Portugal>.